

Logaritmo *sentido*

FERNANDO ANDRADE

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

IMAGEM CAPA: © Unsplash (Jossuha Théophile)

REVISÃO: Thais Motta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A553l ANDRADE, Fernando.
Logaritmosentido / Fernando Andrade – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

86 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-595-9

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Sentido
Exponencial



1+1 à espera do zero

Um e dois tinham acabado de chegar. Vieram a nado por águas nem tão calmas. Dizem que tudo que é sólido desmancha no ar. Já que eles estavam imersos em substância aquosa, suas corporeidades ainda latiam nas circunstâncias das vizinhanças. Os dois na semântica de 1+1 estavam a fazer um trabalho ali naquele brejo brejeiro. Esperavam o zero que ia ajudar a levantar o muro. Tudo se deve começar do zero, por isso, a necessidade de esperá-lo para colocar tijolos-argamassa-tijolos-argamassa num ritmo matemático e aritmético. 1+1.

Ali nos confins do nada havia uma zona que era chamada de limite. Tanto que o capataz quando chegou com os tijolos no caminhão falou para um: limite-se a fazer o muro sem furos. Um reclamou para dois que zero tinha a visão do outro lado. Ele saberia tapar o espaço entre a zona esquerda e a zona direita, já que os dois tinham o pensamento da obstrução do espaço, pois dois atingem largura, comprimento, horizonte. 1+1. Era como se a ausên-

cia do zero botasse tudo a perder com a implantação daquele muro.

Tanto que um xingou zero “Seu – à esquerda”. Foi exatamente neste momento que o zero adentrou o espaço pela direita trazendo dois belos tapa-olhos. Zero disse aos dois: “Trapaça de olho é trabalho”. Visão (de) forma muro. Toda escuridão é proficiente.

Um e dois iam e viam, ou melhor, vinham pegar os tijolos e iam montando o muro tão fácil como fazer de olhos zerados, enquanto zero lia caderninhos de pornografia.

Atire a primeira pedra

Atire a primeira pedra quem nunca se jogou no rio.

“Sim”, disse o monge.

Uma pedra afunda devido a seu peso; sua ausência de espaço interno. Ela não tem cavidade; não é uma casa, por isso, por ter excesso de bagagem. Afunda. “Mas senhor, os suicidas também afundam”. “Sim. Eles afundam por excesso de peso. A alma está compactada num estágio que chamamos de Alma leve.” “Mas a alma leve não deveria boiar?” “Não. A alma cheia é que boia. Chamamos os estágios do pertencimento de intens. *In* é o de dentro. *Tens* é o que carrega em ti. Mas não é assim que se escreve a palavra. *N* faz parte da negação; fundamental para o crescimento. Porque a pedra é tão cheia de massa? Por que ela não amassa, não deforma, seu visual é mais curioso que se possa conceber, tende a ser esférica, mas encontramos outro dia uma retangular. “Naquela célebre cena em que se joga a pedra sobre o rio e ela segue um movimento paralelo à superfície da água, como se

explica mestre que ela por ser tão cheia continue o movimento paralelo à superfície”? “Um homem quando quer nadar, não afunda, sua ação é preñhe de certeza, ele pode atravessar um canal apenas mexendo os braços e as pernas. Quando alguém joga uma pedra assim, ela quer uma duração, quer uma viagem contínua, a pedra atrita com a superfície mas continua com a sua jornada”.

Atire a primeira pedra quem nunca errou.

Neste caso, há uma exploração da existência “pedra”. Não é a pedra quem ataca, mas a linha do destino que tens na mão. Se reparar, a linha é extremamente envolta sobre o seu núcleo, logo, a mão será uma espécie de catapulta. A pedra se aferra a sua preguiça. Toda pedra sofre de fadiga. Você já viu alguma fazer ginástica? “Confesso mestre que nunca vi nenhuma numa academia”.

Da boca do mestre abriu um sorriso.

“Por que sorri”? “Mestre. A palavra junta dois espectros da constituição: o corpo e a gnose.”

Errar vem do errático; aquele que se move, mas sem uma causa ou vontade própria – feito a pedra no rio. Lembre-se que eu falei antes: a pedra só afunda se ela parar, ausentar-se de movimento. Errar é quase como manter a ação na superfície. O suicida não consegue ver isso, por isso afunda.

Petrificante

Pensou que um carro era uma cápsula e que toda ideia de compartimento não era parecida com o espaço interior do carro, que o identificava como um autor móvel de sua própria motricidade. E que por estar talvez protegido do meio circulante, o voo podia ser mais projetivo ao além.

Saía à noite sozinho no carro, e beirando a calçada ia observando o movimento notívago dos seres noturnos. Quem o via por fora, através de um foco pedestre, achava, que procurava uma puta, ou um traficante. Ali naquele ponto do bairro, o escorrer da roda era vista como uma forma de busca por prazer ou voyeurismo. Era preciso sair daquela posição confortável de motorista; de um louco motor perpétuo de acento circunspecto.

Um monte de pessoas fumando pedras ali numa loja; um Pet shop mundo cão.

O nome da loja já vinha com a indexação do nicho do ramo, como uma metáfora do lugar. Ele desceu o vidro, e observou uma disputa pela pedra;

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em novembro de 2019.
